



Director literario:

Atenciosamente
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Lalla
 PAPUSSE

AS PARTIDAS DE QUIM-QUIM E DA GATINHA LULU



O Quim-Quim e o nosso Zé,
por artes de Belzebut,
encarrapitam Lúlú
em cima do balancé.

Anda pra cá e pra lá,
torna a ir e torna a vir...
E o Quim de lá pôe-se a rir
e o Zé empurra de cá...



Nisto eis que êle vai tocar,
com velocidade imensa,
nas janelas da dispensa,
onde há doces a secar...



E a Lúlú, formando um salto,
põe-se, toda repimpada,
de volta da marmelada
que está no prato mais alto...

Então o Quim mais o Zé,
numa grande zaragata,
berram assim: — «Cht, gata!
Ah! maldito balancé!...»



Mas Lúlú volve, trocista,
do susto imenso refeita:
-- Que partida tão bem feita!...
Passem bem!... Até à vista!

A recompensa do Shá

— Por ANA PINA —

Desenhos de ANTONIO LOPES



ERA uma vez um velho mercadôr que tinha um filho e uma filha que muito amava, sendo correspondido por êles com igual carinho. Viviam numa confortável casinha, em Teheran, e tal fama tinham os seus tapetes, que o próprio Shá não queria outros. Como o mercadôr era muito rico e sua filha Naraya era adorável, não faltavam pretendentes que a sedutora rapariga repelia, visto ter dado o coração a um jovem, mercadôr como seu pai.

O Shá tinha uma filha de belêsa tam prodigiosa que impossivel seria encontrar no mundo quem a igualasse. Um dia em que Selim, o filho do mercadôr, foi ao palácio para mostrar ao soberano uns tapetes maravilhosos, como o Shá estivesse ausente, teve de esperar. Pouco tempo depois de êle estar na sala, entrou a princezinha Ofir, envôlta em véus, e tam deliciosamente linda que Selim ficou fascinado. Ofir, por sua vez, também teve de confessar a si mesma que jámais vira tanta gentileza aliada a tam grande nobreza de porte. Mais do que um mercadôr êle parecia um príncipe. Esquecidos da distância que os separava, e seguindo o impulso do coração, os dois jóvens sentaram-se no mesmo coxim e puzeram-se a tagarelar, graciosamente. Tam embebedos estavam os dois enamorados no seu idilio, que não deram pela entrada do Shá, que os ficou mirando, cheio de cólera. A um gesto seu, os guarda precipitaram-se sôbre Selim levando-o para a prisão.

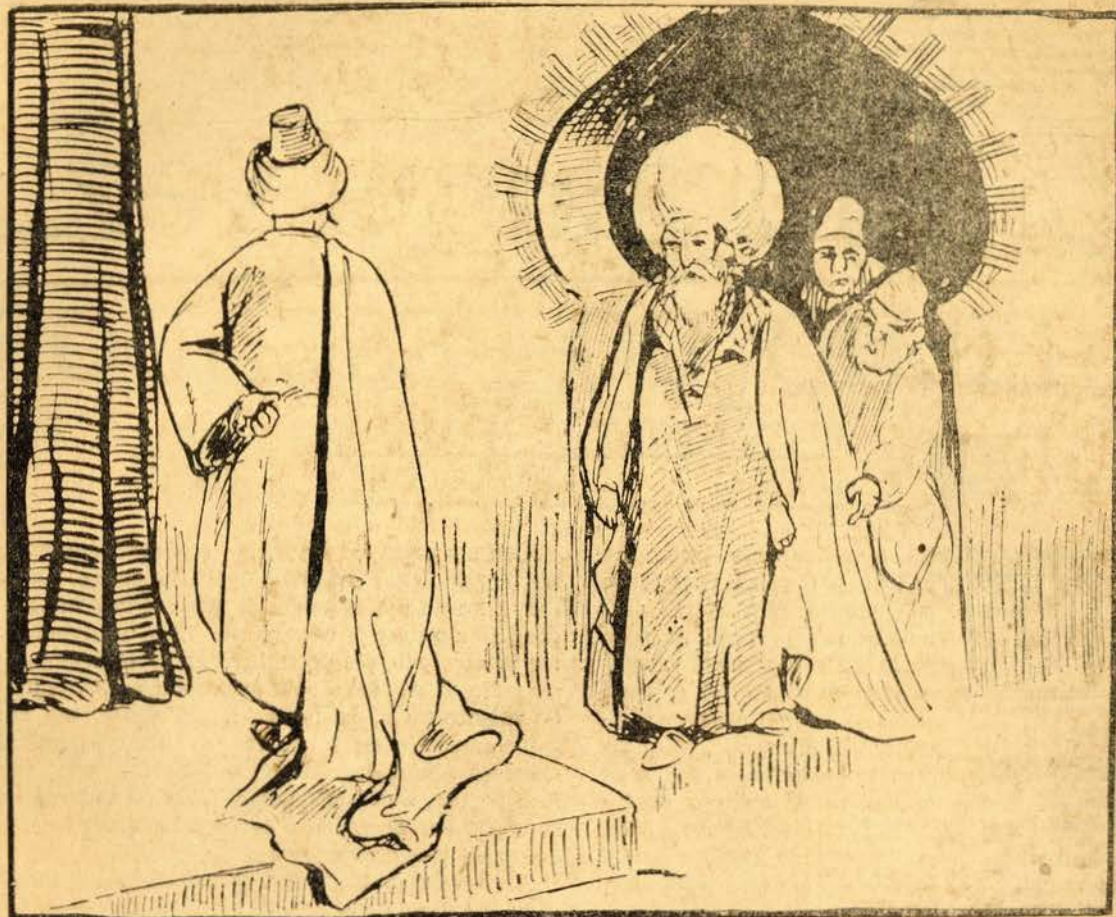
O pobre apaixonado foi condenado á morte, de nada valendo os rogos de Ofir nem as lágrimas do honrado mercadôr. Na ante-véspera do suplicio, Naraya teve ór-

dem de vêr o irmão. Ainda era noite quando foi e com êle esteve confundindo as suas lágrimas até ao romper do dia. De volta á Naraya, tinha de atravessar um longo bosque. Absorta na sua dôr, ía ela a chegar a uma clareira que havia ao centro do bosque, quando um ruído de vozes masculinas a fez deter. Temendo que fossem ladrões, a irmã do condenado, escondeu-se de modo que ouvia e via sem ser vista. Os homens preparavam-se para retirar. O mais alto, de porte altivo, disse para os companheiros:

— Amanhã meu pai cairá sôb o punhal de um assassino, durante a execução dêsse louco que se atreveu a olhar para Ofir. Terminará a tirania, e eu, como novo Shá,



saberei recompensar-vos. Logo, ao pôr do sol, tornaremos a vir aqui, para combinar todos os detalhes afim de que nada falte. Todos se retiraram.



Naraya estava petrificada pelo assombro. ; Pois quê? ; Era possível que um filho, por ambição, mandasse matar o próprio pai?! E, sem pensar que êsse mesmo Shá lavrara a sentença de morte de Selim, a generosa Naraya, desatou a correr direita ao palácio real.

Sem se deter, a formosa rapariga correu para a sala predilecta do Shá, onde ela tanta vezfôra com seu pai admirar tapetes preciosos, e, lançando-se-lhe aos pés, contou-lhe tudo quanto ouvira no bosque.

O Shá, que ao vê-la tivera um gesto de tédio, á medida que a ía ouvindo suavisa-va-se-lhe o rosto de linhas belas, um pouco duras.

Quanta nobreza não mostrava aquela adoravel pequena, esquecendo-se do ódio que devia ter-lhe, na ânsia de salvar o seu soberano, de praticar uma acção generosa!

Era isto que êle pensava quando ela acabou. Ergueu-a nos braços, beijando-a na fronte purissima. E ali mesmo traçou uma

órdem de soltura para Selim e entregou-a^a Naraya, que, louca de alegria, rindo e chorando, correu á prisão para libertar o irmão adorado.

Nessa noite quando o principe e os seus acólitos se reuniram no bosque, foram presos e condenados a morrer ao romper do dia.

O mercador foi, com os seus filhos, agradecer ao Shá o seu generoso perdão. Junto do pai, mais linda do que nunca, a princesa Ofir sorria, num sorriso feliz que se reflectia nos lábios do velho Shá. Quando o honrado mercador disse, que para evitar algum desvario da louca paixão do filho, ía deixar a Pérsia, o Shá pegou na delicada mãozinha de Ofir e colocou-a sôbre a de Selim que julgou morrer de ventura.

O casamento fez-se no meio de tal pompa que impossível me seria descrevê-la. Naraya também casou com o seu gentil mercador e todos foram muito felizes sôb o belo céu da Teheran.



O FILHO DO PESCADOR

Por ANTONIO F. MONTANHA

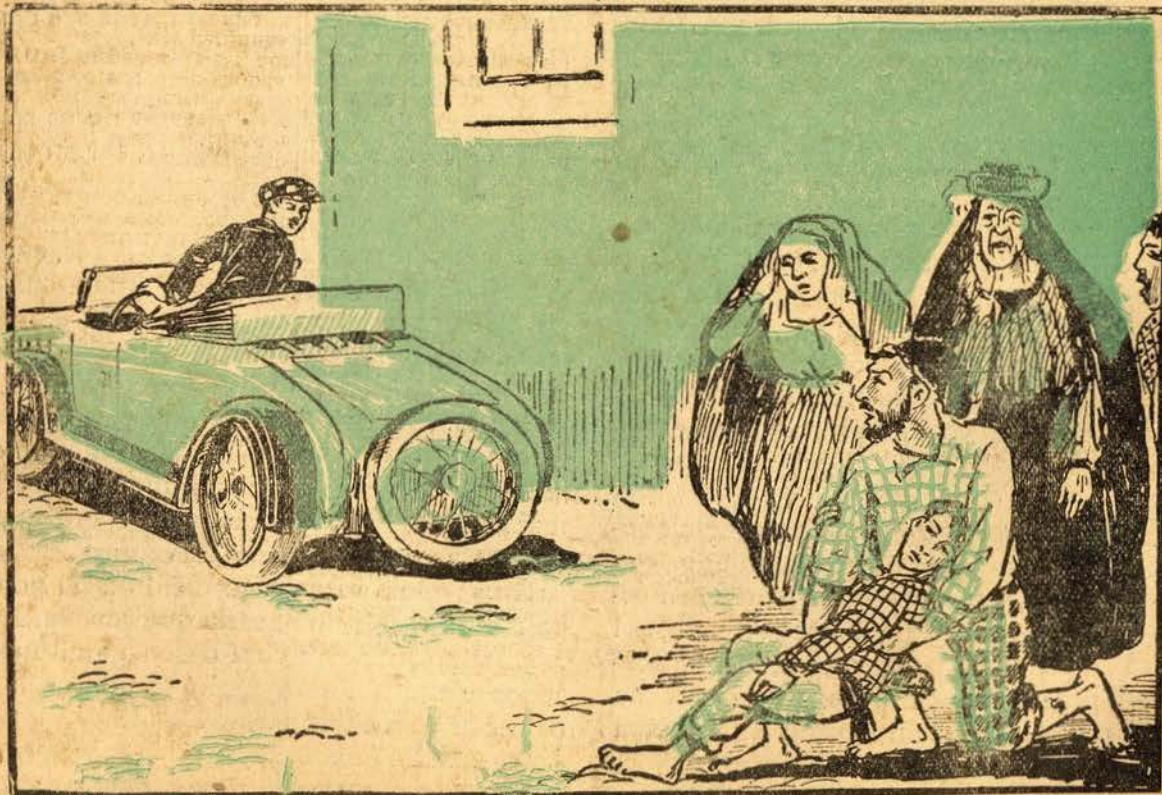
Desenhos de ANTONIO LOPES

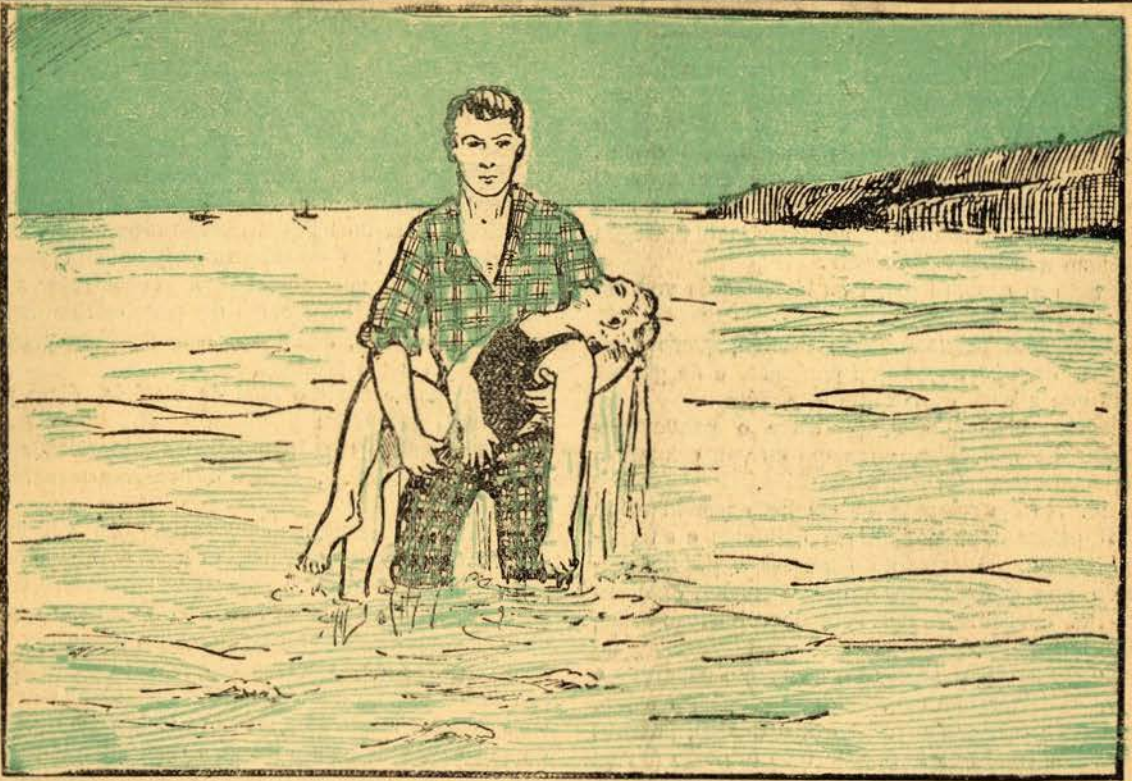


UMA pequena vila piscatória viviam um pobre pescador, que apenas, possuía por fortuna a sua barçaça as suas rêdes e um filhinho que o ajudava na faina pela vida, e um rico senhor que a fortuna bafejara um dia e que, além do dinheiro amontoado nos seus cofres, tinha, como o pescador, um filho, mas que, em contraste, levava a vida cheia de encantos, nada lhe faltando. Possuía lindos brinquedos, uma caminha fôfa num quarto lindíssimo, muitos criados que quasi adivinhavam os seus desejos e que o serviam com o maior respeito e a mais acentuada dedicação.

Ora um dia o tio Manuel — o pescador — ao voltar da praia onde estivera concertando as suas rêdes, para no dia sêguinte ir para o mar em busca do sustento para si e para seu filho, observou que um aglomerado de povo comentava qualquer facto sensacional. Animado pela curiosidade, aproximou-se do magote e viu, no meio daquela gente, um automóvel amarelo e ao volante o «fidalgo» como lhe chamava aquela humilde gente. Sentiu, sem saber bem porquê, o coração pulsar-lhe violentamente, um suor frio percorrer-lhe o corpo e uma fôrça enorme que o impelia para a frente.

Afastava com ânsia os que lhe tolhiam o passo e abria passagem por entre a massa de gente. Chegou, finalmente, junto do carro, e inquiriu o que se passava.





— O «fidalgo» — disse alguém — acaba de colher com o seu carro um garoto. . .

— Um garoto? Quem? — interrogou o tio Manuel.

— Não sei. — respondeu o outro — Não tive ocasião de vê-lo o rosto.

O tio Manuel tremia. E porquê, se nada por enquanto lhe anunciava uma desgraça que o atingisse?

Uma voz forte dominou o sussurro:

— Vamos? Deixai-me passar. Não posso perder tempo, porque nada adianto.

Era o fidalgo que assim se expressava.

Então o pescador, tomado dum sinistro presentimento, disse-lhe:

— Um momento senhor. . . Quem sabe se causou a morte a essa criança, que aquela pobre mulher com tanto carinho procura reanimar?

— E que lhe pôde isso interessar, retorquiu o fidalgo, se nem o conhece talvez?

— Seja quem fôr, senhor; ainda que me fôsse de todo desconhecido o pobre gaiato, tenho ainda dentro de mim qualquer coisa que sente a desgraça alheia.

— Ora, pobre homem, quem sabe se foi até a Providência para êle. Talvez sosinho, morrendo de fome, que fazia no mundo? Foi talvez melhor assim. . .

Neste instante o garoto abriu os seus olhos grandes e azuis, parecendo que dentro dêles estava a água do mar que costumava admirar. Um grito de alegria, saiu de todas as bôcas e a velhota que junto dêle se conservava, sem dar atenção ao diálogo que que se travara entre o pescador e o fidalgo exclamou:

— Vive! Vive ainda, louvado seja o Senhor!

Mas um grito mais forte, mais vibrante ainda, saiu da bôca do tio Manuel. Um grito em que estava toda a sua alma, todo o seu amor de pai:

— Meu filho! Meu filho! — e voltando-se para o fidalgo, disse-lhe, espumando de raiva e de dôr, chorando e gemendo:

— Com que então, senhor fidalgo, que importa uma vida a mais ou a menos, com tanto que se satisfaçam os caprichos do sr. fidalgo? Que importa que tire a vida a um pobre, que, por não ter onde dormir, trabalha por que tem direito a viver? Não parece, senhor, que tendes em vossa casa um filho. . . Não parece que sabeis quanto custa o unico, o verdadeiro tesouro que nos pretendem roubar. Pode seguir o seu caminho e oxalá que nunca passe pelo transe que acabo de passar. E lembre-se que se alguma coisa suceder de mais grave, é sobre o senhor que lançarei as culpas da minha fatalidade.

E o fidalgo seguiu. O filho do pescador vivia. Apenas no rosto uma ferida jorrava sangue. O choque fizera-lhe perder os sentidos, mas tudo indicava que nada mais se passaria de anormal.

*

Rolaram tempos; o fidalgo, que saíra da vila para tratar dos seus negócios, voltou a ela pelo verão, para ali gozar as delicias das tardes quentes e respirar à vontade a saudavel brisa do mar.

Seu filho, um gaiato louro, de olhar muito azul, brincava na praia, divertindo-se a molhar os pesitos, pequeninos e rosados, que as ondas vinham, de quando em quando, refrescar.

O pequenino sentia o prazer da água e, apesar da proibição do pai, aventurou-se um pouco mais e a água cobria-lhe já parte das pernas, enquanto êle, deliciosamente, fazia navegar um minúsculo barquito de madeira. De repente, com a ondulação, o barco afastou-se e êle imprevidentemente afoitou-se a ir busca-lo, mas uma onda mais forte derrubou-o e levou-o no seu seio.

O pai assistira à scena e aflitivamente correu a gritar por socorro:

Salvem-no, salvem-no! Darei a minha fortuna, mas

salvem o meu filho! — gemia doloridamente o fidalgo. Um rapaz que ouvira os gritos do pai aflito, lançou-se à água e vigorosamente nadou para junto do petiz que se debatia angustiosamente com o mar. Um pouco mais e estava salva a pobre criança. O salvador, segurou o petiz pelas roupas e, com a mão que conservava livre voltou para terra onde entregou o pequeno que quasi desfalecia.

Chegado aí o pobre pai, com lágrimas na voz, soluçou:

— Obrigado, pequeno. Vem comigo; quero compensar-te da boa acção que praticaste e do grande serviço que acabas de me prestar.

— Agora, senhor fidalgo, — disse o pequeno — vá tratar de seu filho, enquanto eu vou enxugar a minha roupa. Amanhã irei a sua casa.

E foi. No dia seguinte, de manhã, encaminhou-se para o palacete onde habitava o fidalgo e ali chegado, inquiriu do estado do pequeno. Foi-lhe respondido que estava bem e que o pai lhe desejava falar. Foi introduzido num grande e luxuoso salão, de rico mobiliário.

Convidaram-no a sentar-se, enquanto esperava o senhor, e deixaram-no só. Sentou-se, quasi a medo, num *maple* e enquanto esperava o fidalgo, pensou:

— Como tudo isto deve ser bom e como devem ser felizes os que possuem toda a esta comodidade. Mas antes quero a minha casinha, o meu barco e sobretudo o mar. Sim, porque para que serve tudo isto, se melhor ou pior todos vivemos e todos temos que morrer?

Ouviu uns passos abafados. Devia ser o fidalgo. Levantou-se e esperou de pé que êle chegasse. Era efectivamente o fidalgo que, ao entrar, sorriu e dirigiu-lhe um cumprimento affectuoso. Depois mandou-o sentar e instalando-se a seu lado, disse:

— Se te convidei a vir a minha casa não foi só com o intuito de agradecer-te com palavras, mas com o pensamento de te fazer feliz, dando-te o que quizeres, porque tudo o que fôr nada será ao pé do que fizeste por meu filho; sem ti êle morrer-me-ia e então tudo o que possuo nada apagaria o meu desgosto. Pede, pois, o que quizeres... O pequeno pescadôr, ouviu sem o interromper, mas quando o fidalgo chegou ao fim, disse-lhe:

— Senhor. Quando me meti à água não foi de certo tendo em mira qualquer recompensa, visto que o que fiz qualquer outro faria, mas, já que me fala da maneira como fala, vou pedir-lhe uma coisa...

— Qual? — perguntou o fidalgo.

— Que se revista de paciência, para ouvir uma história que vou contar-lhe.

O fidalgo, rindo com vontade, mas sem atingir o fim do pedido, aceitou. Puxou por uma cigarreira de prata, tirou um cigarro, recostou-se, mais comodamente e pôz-se a fumar dispôsto a ouvir o garôto.

Êste principiou:

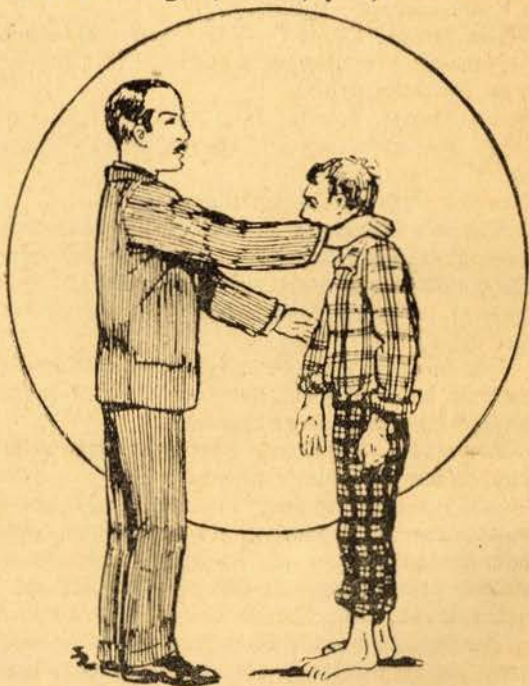
— Um dia, não importa quando, devido a não sei que espécie de doença, caí à cama. Meu pai, para me distrair, contava-me histórias, e entre elas uma houve que me ficou mais na memória e é a que vou contar-lhe. Havia numa certa aldeia dois homens: um o pobre, cheio de fome foi bater à porta do rico implorando-lhe uma esmola, mas êste longe de lha dar atirou-lhe uma pedra como a um cão leproso e o pobre guardou-a na sua sacola como se ela fôsse

uma preciosidade. Decorreram anos e as cousas mudaram. Sem se saber como, o rico estava pobre e o pobre cheio de fortuna e sucedeu precisamente o mesmo. O avarento como pobre foi bater à porta daquele que o havia corrido à pedra. Então êste mandou-o entrar e, mostrando-lhe a pedra que ainda guardára, disse-lhe: Podia atirar-ta com ela também, mas sei o que isso custa, porque já por lá passei. Toma, come e vou ajudar-te a reconquistar a tua fortuna. E assim fez. Dentro em pouco eram ambos ricos e poderosos, mas nunca nenhum dêles recusou uma esmola a um pobre.

O fidalgo ao ouvir o final da história, disse para o pequeno pescadôr:

— É bonita; mas não compreendo porque pediste para a ouvir... Então o pequeno levantou-se e respondeu:

— Mas vai compreender, porque lhe vou explicar... O pobre é meu pai. O rico é o senhor. A pedra é o acaso que fez com que eu fôsse atropelado pelo seu automovel, sem que isso merecesse ao senhor qualquer cuidado ou comiserção e que fez também com que eu, o maltratado, fôsse o salvadôr de seu filho e pudesse mostrar-lhe que nunca uma vida, por mais miseravel que seja, se deve deixar perder, ainda que essa vida seja a de uma criatura que nos tenha feito mal. Está aí o saber guardar a pedra que nos atiraram. E agora, senhor, que já deve ter com-



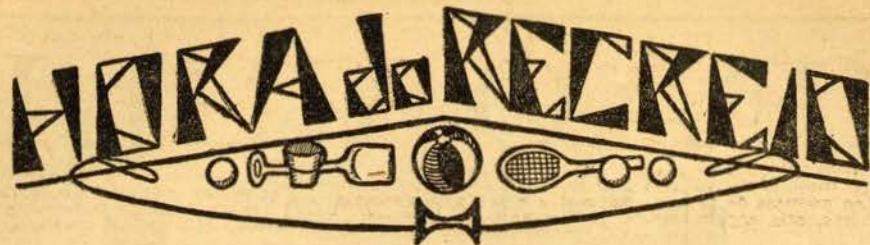
preendido o fim da minha história, retiro-me porque estou bem recompensado...

Mas o pobre pai, já não tinha nos lábios aquele sorriso com que principiara a ouvir a história. Dos seus olhos corriam lágrimas e o cigarro caíra dos dedos. Foi com dificuldade que pôde dizer:

— Pois tu, tu fôste quem...

— Quem o senhor atropelou e quem salvou seu filho. — Concluiu o pescadôr. — E fá para sair quando o fidalgo o deteve com um gesto. O rapaz esperou: então o fidalgo levantou-se e sorrindo carinhosamente exclamou:

— Reconheço que fui mau. Fizeste bem em me



UM ESCARAVELHO

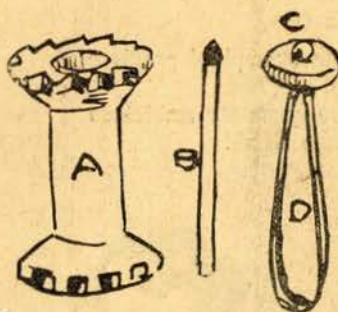
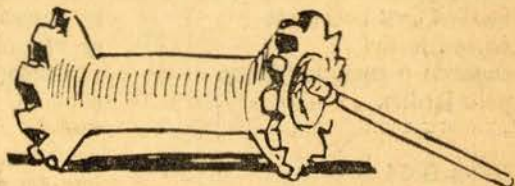
Para fazer esta engenhoca; são necessários os seguintes materiais:

- A — 1 carrinho de linhas vazio;
- B — 1 pau de fósforo;
- C — 1 anilha de estearina;
- D — 1 elástico de cintar.

Quanto maior fôr o carrinho melhor. Cortam-se ambos os bordos no feitio de uma serra, mete-se no buraco do carrinho, atravessando-o o elástico que se fixa num lado e num outro é preso pela ponta do pau de fósforo.

Entre o pau de fósforo e o carrinho, é metida a anilha de estearina, que serve para facilitar o girar do carrinho.

Torce-se o elástico por meio do pau de fósforo, que fica pendente. Coloca-se o aparelho no chão, no meio de obstáculos e vê-lo-hemos subir e descer, com a maior facilidade, parando e andando como



um escaravelho vacilando pela terra.

Pode-se atrelar-lhe um carro feito de uma caixa de fósforos, que este puxará com tanta facilidade, como se fôsse sózinho.

Arranjando mais do que um, poderão fazer uma corrida de obstáculos, partindo todos ao mesmo tempo em obstáculos de diferentes tamanhos e dimensões.

Verão como é interessante.

contar a tua história porque, como o rico avarento, só agora sei avaliar a dôr que teu pai sentiu quando te viu ferido. Mas foi mais uma dívida que me fizeste criar. A vida de meu filho é a maior das duas dívidas, mas ensinaste-me a vêr o bem que pode sair daqui, sem esforço, acordaste em mim um sentimento que não conhecia e arrancaste-me lágrimas para que eu conhecesse o que passa quem sofre. Obrigado. E agora peço-te para que me digas o que devo fazer para estares contente comigo e que me dês...

— O quê? — perguntou o gaioto.

— Um abraço.

O pequeno lançou-se nos braços do fidalgo que o apertou contra si e ao mesmo tempo disse:

Se fôsse ontem envergonhava-me. Mas hoje não, porque vejo que o senhor é um homem de bem. E nada mais preciso dizer, visto que o seu próprio coração lhe dirá o que deve fazer pelos outros. E agora adeus, senhor, vou contente. E saiu, enxugando os olhos ao seu barrete de lã.

Tempos depois, ninguém já falava no fidalgo, com

aquele ar de indiferença de antes, mas sim com respeito e com carinho, porque êste transformara-se em absoluto, ajudando os pobres, visitando e reconfortando os enfermos, tirando misérias e enxugando lágrimas. Era, enfim, a alma bemfazeja daquela gente. E o pequeno causadôr desta transformação vivia contente feliz, com um novo barco e dormindo numa caminha melhor, num quarto amplo, dentro de uma casa que o fidalgo mandára construir e que lhe ofereceu, dizendo-lhe:

— É para ti. Princípio a pagar as minhas dívidas e oxalá viva muito tempo porque para saldar em absoluto seriam necessárias duas vidas. Mas meu filho ficará, quando eu morrer, e êle saberá continuar a obra que tu iniciaste.

F I M

Solução dos enigmas pitorescos do número anterior

I — Gôta a gôta o mar se esgota.

II — Mil amigos é pouco, um inimigo é muito.

RIFÃO VELHO

Por ANIBAL NAZARÉ

Desenho de ANTONIO LOPES

Irrequieta
e linda, como os amores,
andava uma borboleta
no seu festim
sugando o suco das flores
pelo jardim.

Viu-a Bébé
num instante!
E hesitante,
pé ante pé,
com louco ardor,
corre atrás da borboleta
que alegre voava
e saltava,
irrequieta
de flôr em flôr!

Já entre os dedos mofinos,
pequenininos,
Bébé segura
a borboleta
que aguarda, inquieta,
o seu destino!...

Mas o Menino
vê, mais além,
duas mais lindas,
de linda côr,
indo, igualmente,
alegremente,
de flôr em flôr!

Cheio de louca ambição,
Bébé
larga da mão
a prisioneira
que as lindas asas agita
— Nem acredita
em sorte tal!

De novo, pelo quintal,
Bébé procura agarrar
as outras duas, que, a par,
se vão elevando,
vão indo,
subindo,
voando
a tanta altura,
que em vão Bébé as procura
no seu caminho!

E Bébé vê, afinal,
— passarem do seu quintal
para o quintal do visinho!

Este exemplo é precioso,
útil até,
p'ra quem fôr ambicioso
como Bébé!

Pois quem às ambições cede,
deve-se sempre lembrar:
— «Quem tudo quer, tudo perde!»,
— diz um rifão popular!

FIM

